



GAITE
Gaite
Encarnado
2008

4,5 e 6 JULHO



Município de Vila Franca de Xira | Turismo

Fado de Vila Franca

Letra e Música: João Nobre

B arrete sobre a orelha
cinta vermelha bem apertada
e ao alto firme o pampilho
quando o novilho foge à manada

Com o colete encarnado
jaqueta e meia branca
campinos toiros e fado
esperas de gado em vila franca

Oh terras do ribatejo
cheias de sol e alegria
oh gente sem ambições
que dá lições de valentia

Oh terras de vila franca
onde tanta e tanta vez
sem temer uma colhida
se arrisca a vida com altivez

Um lavrador de samarra
e uma guitarra bem dedelhada
campinos de manhã cedo
firmes sem medo sobre a montada

E se uma pega é valente
ninguém da praça os arranca
vibra a gente entusiasmada
numa tourada em vila franca

Oh terras do ribatejo
cheias de sol e alegria
oh gente sem ambições
que dá lições de valentia

Oh terras de vila franca
onde tanta e tanta vez
sem temer uma colhida
se arrisca a vida com altivez

FICHA TÉCNICA

Propriedade:
Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
Direcção:
Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
Maria da Luz Rosinha
Edição:
Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
Departamento de Cultura, Turismo e Actividades
Económicas
Design, Redacção e Fotografia
Gabinete de Gestão de Informação e Relações Públicas

Impressão:
SOARTES - artes gráficas, lda.
Tiragem:
3000 Exemplares
Distribuição gratuita - Junho 2008



E ditorial

Caras e caros amigos,

Chegou o calor, o cheiro a Festa, chegou o Colete Encarnado de 2008, que eu diria começa uma semana mais cedo com a Semana da Cultura Tauromáquica.

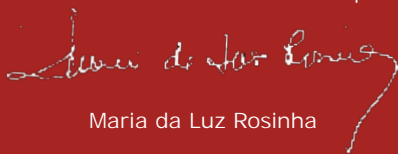
Ou melhor, depois das conferências, das exposições, dos momentos mais contidos da Festa, vamos para a rua, aos milhares, ouvir música, cantar, dançar, conviver, partilhando momentos e petiscos, abrindo as portas e os corações a Todos e, não tenho dúvidas, serão muitos os que virão até Vila Franca de Xira em mais um momento alto da nossa Grande Festa.

O programa este ano encontra-se recheado de solicitações: do encontro tertuliano à estreia do filme dos forcados, aos "Câmara a cantar", à missa rociera, à Homenagem ao Campino, às largadas e esperas, às corridas na Palha Blanco, ao fado, às sardinhas, aos amigos, á alegria de dar e receber, aos Anjos e ao Camané, até que, muito cansados, mas tal como as crianças, ao som da música "O fado de Vila Franca", iremos para o jardim municipal assistir encantados ao fogo de artifício.

Diremos adeus à folia do Colete Encarnado de 2008 e começaremos a aguardar pelo Colete 2009.

Que viva a Festa.

A Presidente da Câmara Municipal



Maria da Luz Rosinha



António "Guarda"

A homenagem do Colete Encarnado depois de 54 anos de campinagem

Naquela tarde primaveril, António "Guarda", alcunha pela qual é conhecido no meio da campinagem, estava vestido a rigor, com o tradicional traje de festa. Do colete sobressaía o distintivo da Companhia das Lezírias. Da cartola reluzia a corrente de uma verdadeira relíquia: um belíssimo relógio de bolso, com 35 anos de existência, uma oferta da sua mãe e da sua mulher. Foi de forma metódica que recordou a sua vida ao serviço da campinagem, percurso de vida que será homenageado no Colete Encarnado 2008. O nome de família deste campino é Marramaque. Tem 63 anos, um sorriso e conversa fácil, uns marcantes olhos

azuis e uma memória prodigiosa. É originário da Barrosa, Freguesia de Benavente e descendente de campino. Aos nove anos de idade começou nestas lides. Ainda que com algumas interrupções ao longo da vida, o destino acabou sempre por mandá-lo de regresso às origens. Todo o percurso dedicado a esta profissão exclusivamente Ribatejana, vai ser distinguido, pelos seus pares. Homens com muitos anos de ofício e muitas provas dadas, elegeram-no para receber, na cerimónia de Homenagem ao Campino, o valioso e simbólico Pampilho de Honra, distinção máxima que é possível alcançar, em Vila Franca de Xira, ao serviço desta arte.



Com os tempos difíceis que se viviam e com o pai acamado, o manejo da vara começou “no dia em que acabei a 3.ª classe. Recebi logo o recado para ir guardar vacas, para a casa do Eng.º Jorge Neto, em Benavente. Estive lá um ano, depois fui para ajuda de éguas, na casa do Sr. António Marques (Benavente) e mais tarde no Sr. Cunhal Patrício, perto de Coruche. O dinheiro era pouco a guardar gado, fui depois para a agricultura. Andei no campo, cavei terra, mondei arroz, semeiei trigo. Era mais bem pago, mas também quis aprender todos os trabalhos do campo. Aos 20 anos fui para a tropa. Assentei praça em Elvas, depois fomos mobilizados para Angola”, recordou o campino desprendidamente.

Regressado a Portugal são e salvo, recomeçou a sua vida profissional. Não havia tempo a perder, já era casado e tinha um filho pequeno para sustentar, pelo que foi esgalhar sobreiros para os Foros de Almada e, posteriormente, para a Herdade Carvoeira e Zambujeira, em Coruche, com as funções de guarda - florestal. Nove meses depois, regressou a Benavente para a herdade do Sr. Mendes dos Santos, onde assumiu as mesmas tarefas, sendo, em simultâneo, maioral do gado.

Foi nesta casa agrícola que herdou a alcunha: o colega que foi substituir tinha o apelido de “Guarda”. Recordou que “pagavam pouco e por isso aceitei ir trabalhar para uma fábrica de tintas em Alverca, mas tive de sair porque me dei mal com o diluente. Fui para Malhada de Meias, Samora Correia, para tractorista e guarda florestal. Mas comecei a ficar chateado com aquilo, porque o feitor tinha aumentado um colega meu e eu já lhe tinha pedido mais dinheiro. Em 1973, foge uma égua e eu fui à procura dela, indo parar à Adema. Aqui encontrei um amigo que me disse que o guarda da herdade se ia reformar e perguntou-me se eu não queria ir para lá. Se ajudasse ao gado ganharia 600 escudos por semana. Ora pensei logo, se em Malhada de Meias, o ordenado era de 500 escudos e o meu colega já tinha sido aumentado, não olhei para trás, fui logo ao Cabo de Vila Franca falar com o Sr. Francisco Palha e fizemos logo ali o contrato. Fui ter com o feitor de Malhada de Meias e perguntei quanto tempo tinha de dar à casa. Nesta altura ele pediu - me para não me ir embora. A conversa ficou por ali e logo no sábado pagou me 600 escudos. Mas, eu fui ter com ele e disse que estavam 100 escudos a mais na fêria e avisei que me ia embora. E fui!”, sublinhou com determinação.

Adema: A Escola

Foi na Adema, que ao longo de “19 anos e 18 dias”, se iniciou na verdadeira arte do campinagem, primeiro com o gado manso e mais tarde com o bravo. É daqui que tem as memórias de referência da sua vida, para o pior e para o melhor: “Tenho boas recordações daquele sítio, trabalhei com o Joaquim Carlos, tive grandes ajudas do Sr. Joaquim Isidro e do Sr. António Barroca. Este até me ensinou como é que se lidava com o gado, com umas pedras na praça. Punha as pedras no chão, dizia me esta é o touro e esta o cavalo e com o cajado, desenhava o percurso da lide”.





Os companheiros: o Manel e o Cadete

Foi também nesta Herdade do Porto Alto que conheceu as melhores montadas da sua vida: " Tive vários cavalos de trabalho, mas recordo com carinho um castanho chamado Jorge, era bom para trabalhar, para picar, quando me apeava para agarrar um bezerro ele ficava ao pé e se me afastasse, ia atrás de mim. Entretanto aleijou-se e tive um criado à mão, chamado Manel. Era melhor ainda. Dava gosto trabalhar com ele. Tive pena quando me vim embora e tive de o deixar. Uma vez fui à Feira da Agricultura, em Santarém e ele soltou-se. O Joaquim Carlos não estava, andava tudo atrás dele para o agarrar. Eu chamei - o e ele veio logo ter comigo. Conheceu-me pela voz. Andava um dia inteiro com o arreo em cima, quando lho tirava tinha de ser de frente, porque gostava muito de espernear quando ficava à solta. Mandava os pés ao ar. Trabalhava de manhã à noite debaixo do arreo, sossegado, mas quando o soltava ele corria logo para o campo e começava a comer", recordou com grande carinho.

É também deste tempo, o seu melhor companheiro canino de lides: " Nessa altura tinha um cão que me ajudava a pôr os brincos, pregava com o bezerro no chão e sentava-se em cima dele, mas não lhe mordia. Só saía quando eu chegava. Era o Cadete, cruzado de Serra D'aires com Serra da Estrela. Fui eu que o ensinei. A cavalo, tirava a



vaca e o bezerro para o campo, depois corria com ela até o filho largar a mãe. Quando este ficava sozinho dava ordem ao cão para ir atrás dele. Depois, vinha a galope rápido para pôr o brinco e o cão punha se, atrás do cavalo, entre este e a vaca, para a impedir de vir ter com o filho. Mordia-lhe nos corvilhões se fosse preciso. Tinham um medo dele! Era só ouvir a campainha. Mas aos pequeninos não fazia mal. Depois, quando morreu, arranjei outro, mas esse não chegava aos calcanhares do Cadete, porque ferrava", concluiu António "Guarda".





As mazelas do ofício

A Adema também marcou este campino, por razões menos felizes, nomeadamente no dia em que “estava a meter umas vacas dentro dos currais para tentar, tropecei e caí do muro abaixo, acabando por partir o pé. Passados cinco anos vim ajudar os Oliveiras a fazer uma desmama, ia a correr atrás de um bezerro, o cavalo escorregou, caímos os dois e fui de rojo 10 metros debaixo dele, fiquei com o pé todo desfeito. Fui operado, correu tudo bem. Quando o tempo muda ainda me dói. Mas, não ganhei medo de andar de cavalo, continuei a montar”, disse o campino com determinação.

Outro episódio aventureiro que recorda e que parece ter sido retirado dum filme de acção foi aquela “vez, estava na Adema, a pôr um brinco no bezerro, a vaca estava longe, mas entretanto quando estava de costas senti-a atrás de mim a soprar, zangada. Eu disse: é agora! Volto-me de repente, ponho o bezerro nas mãos e empurro-o para ela e fugi para o cavalo. Foi uma situação de recurso, mas correu bem. Na altura, não tive vagar de chamar o cavalo” rematou em jeito de graça.

Do Porto Alto, António Marramaque foi ainda para Camarate, com funções de tractorista, mas entretanto apresentou uma candidatura à Companhia das Lezírias. A 1 de Abril de 1993, ingressa para Guarda-Florestal. “Quando passava pelo gado tinha pena, depois um administrador passou-me para o gado manso, para a vacada n.º 2, no campo de Vila Franca de Xira, zona 38. Entretanto, morreu o eguariço e passei para aqui. Já tinha trabalhado com éguas em pequeno e o meu pai sempre foi eguariço. Aqui estou há 13 anos. Gosto. Agora já não ia tratar de gado bravo, estou a 2 anos da reforma e com os pés partidos é mais difícil”, disse com algum pesar.

Actualmente tem a seu cargo um efectivo de 30 éguas de ventre. O dia começa às 6h30 e acaba tarde, na pequena horta, que tem junto à sua casa. A jornada passa - a a tratar das suas éguas, conhece as a todas. Se for preciso, ajuda-as a parir. O “Bolinhas”, um Lusitano, é o seu parceiro de trabalho. “Chama-se Bolinhas, porque é pequenino e gordinho. Já tem 20 anos, também está quase na reforma. Também é especial, é amigo, para este manejo é bom, mas não é cavalo para picar. Não gosta. Quando é de caras, diz logo vai lá tu! Faz um largo e não há

nada a fazer”, explicou o responsável pelo Pólo das Éguas da Companhia das Lezírias.

Foi montado neste cavalo que António “Guarda” conseguiu, na Golegã, apresentar cinco éguas. “Tenho orgulho de ter conseguido, ainda mais porque tive de o fazer em condições muito difíceis. A iluminação fazia uns quadrados no chão e nem o cavalo queria entrar, quanto mais as éguas. Mas eu consegui”.

Começou a ir ao Colete Encarnado em 1976: “Gostava de fazer as entradas de touros, fiz lá muitas, durante muitos anos. No primeiro ano, costume dizer que éramos quatro campinos e meio, porque tinha pouca experiência. Correu bem. Mas antigamente era mais difícil, porque nós íamos buscá-los à Curraleta e isso era difícil. Agora eles saem sozinhos. Como não tenho cavalo para isso, não vou. Mas, não perdi o jeito! Se tivesse cavalo para estas coisas ia, mas para dar barraca não vou”.

É com este sentido de honra que gosta de envergar as vestes de campino: “Nós antigamente vestíamos a farda, mas sabíamos trabalhar. Hoje, os jovens, vestem - na, mas não o sabem ser. Ainda agora vi uma picaria no Cabo, quando foi a recolha do touro foi uma barracada. Ver aquilo foi esquecer o que aprendi com o José Tavares, o António Carniço, o Orlando Vicente, o Carlos Silva e o Maximiano, muitos homens com quem trabalhei. Antigamente respeitávamos a experiência dos mais velhos, hoje estas coisas acontecem porque não se respeita”, disse com convicção.

Está a menos de dois anos da reforma e já tem planos para mais esta nova fase da sua vida. “Estou-me a mentalizar para a reforma, vou para casa fazer cabrestos e varas para campinar e depois vendo-as. Compro o fio e faço tudo, foi o meu pai que me ensinou. Vou também trabalhar na horta”.

Agora que vai ser homenageado pela primeira vez na vida, disse que recebeu a notícia sem falsos entusiasmos. “Os meus filhos é que estão muito contentes, estão a fazer tudo para estarem presentes. Eu acho este momento importante, mas estou tranquilo. A malta do campo é mesmo assim!”, arrematou com um sorriso travesso.

Prazeres Tavares

Pampilho de Honra

Pedro Artilheiro, o "Pedro da Foz"



Num tributo póstumo a uma figura carismática e reconhecida no ofício da campinagem, o Pampilho de Honra deste Colete Encarnado leva gravado o nome de Pedro Artilheiro. Nascido no dia de Natal do ano de 1931, na Castanheira do Ribatejo, Pedro tinha o seu destino traçado e cedo teve a prova disso. Começa aos dez anos de idade pela mão do seu pai, José Cartaxo, o maioral das éguas do lavrador Pompeu Reis. Aos 15 anos inicia funções na Casa Canha e Porto e ali continua durante cerca de cinco anos, após o que transita para a Casa Manuel César Rodrigues, como maioral de éguas. É aqui que começa a lidar com gado bravo. Na temporada de 1954 é a figura da Praça do Campo Pequeno que recolhe os toiros de todas as corridas e, já nos anos 60, serve por um breve período de tempo na

Casa Palha. Aos 22 anos casa com Maria Leontina, que mais tarde lhe dá o seu único filho (José Luís) e, aos 33 anos, parte em busca de uma vida diferente, ingressando na fábrica Tudor. Mas, alguns meses bastam para perceber que não é talhado para

aquele serviço. Mesmo as inúmeras noites passadas sob duras condições, a guardar toiros e cavalos e todo o árduo trabalho que o colheu desde os dez anos não chegam para largar o único ofício que, afinal, faz parte da sua essência. O campo é quem mais ordena. O silêncio, as cores e os cheiros do campo chamam por ele. A convite de Fernando Palha torna à Casa Palha e estabelece laços eternos, não só profissionais como de amizade com os seus patrões. Durante mais de 40 anos



enverga no seu colete o Ferro da Foz, e com uma brilhante folha de serviço passa de maioral de éguas a feitor

agrícola daquela Casa. Daí que Pedro fosse conhecido como “Pedro da Foz”, parte integrante da Quinta da Foz, em Benavente. Neste lugar secular da lezíria ribatejana, Fernando Palha e Pedro Artilheiro conseguiram a simbiose perfeita, pois ambos abraçaram a arte da vida do campo com toda a força e sabedoria. As duas famílias, Palha e Artilheiro, estiveram juntas durante quatro gerações, uma vez que o trisavô e o pai de Pedro também ali trabalharam.

“Pedro da Foz” foi também para muitos, quase tantos quantos o conheceram, o “Mestre Pedro”. Na postura, no manéio do gado, nas suas palavras, havia muito para aprender com o “Mestre Pedro”. Ímpar no respeito ganho pela farda do campino, nada ficava ao acaso e tudo fez para o incutir nas várias gerações de campinos que por ele passaram. Todos os que tiveram a escola de “Mestre Pedro” relembram o seu brio na farda, desde os colarinhos bem apurados à bem dobrada meia de renda alva.

Respeitado e estimado em todas as festas, foi a figura carismática da Pícaria de Benavente, cuja

organização liderou e dinamizou durante cerca de 30 anos. Várias foram também as homenagens em vida: prémios de provas, medalhas de mérito municipal de grau ouro e prata, em Salvaterra de Magos, Santarém, Benavente e por esse Ribatejo fora.

Quis o destino que, após uma dura luta contra uma doença oncológica, acabasse por falecer em dia de Colete Encarnado, 1 de Julho de 2006, onde tantas vezes participou e brilhou, conduzindo os jogos de cabrestos da “sua” Casa.

O Município de Vila Franca de Xira, a Festa Brava, a família, os colegas e amigos recordam assim aquele que partiu mas que deixa na lembrança ensinamentos de valentia e rigor.

Ana Sofia Coelho

A gente Inglês

A última missão no Colete Encarnado

Não, não falamos de mais um filme do britânico 007, mas da vida real do PSP de Vila Franca de Xira. Ponte, Inglês da Ponte é o seu nome de profissão. Mas toda a gente o conhece pelo Agente Inglês, o mais antigo da esquadra e um dos mais carismáticos da cidade. Desempenha este ano a última missão no Colete Encarnado. É uma das figuras marcantes da Festa, onde com o seu "ar" afável, parece estar sempre em todos e em cada um dos momentos do programa.



Efectivamente está, seja directa ou indirectamente: é ele quem orienta muitas das operações da Polícia de Segurança Pública (PSP) ao longo dos três dias de Festa, desde as mudanças no sentido de trânsito ao último foguete que estala. Além disso, representa também a instituição na equipa alargada que se constitui entre PSP, Câmara Municipal, Bombeiros Voluntários e Campinos para que tudo decorra da melhor forma. Este ano alcança a 30.^a participação na Festa, número que determinou para si próprio como o limite, uma vez que também coincide com o tempo de pré-reforma. Significa então que esta será a última participação do Agente Inglês da Ponte, fardado. Sim, porque como bom ribatejano que é, também se afeiçãoou ao Colete Encarnado e é homem para cá estar, à civil, apenas para se divertir. As três décadas ao serviço da Festa enquanto agente da

autoridade fazem, forçosamente, com que a sua perspectiva dela seja sui generis: Montagem e desmontagem de tronqueiras, aplicação e retirada da areia, ordenamento do trânsito e estacionamento, acompanhamento do arranque e decorrer das largadas e esperas de toiros, montagem de infraestruturas de palcos, acompanhamento de alguns pontos do programa, como o caso da Homenagem ao Campino. A missão é a de cuidar para que tudo decorra de forma segura e ordeira. Tudo isto, de preferência, sem recurso a violência. "Acho que se deve sempre fazer ver às pessoas, a bem, o que possa estar errado. Ainda o ano passado andava um indivíduo com uma vara nas esperas, o que não pode acontecer. Quando o consegui detectar, falei com ele e lá o convenci a parar. Consigo cativar as pessoas e também há muita gente que me conhece, o que é meio caminho andado". É esta a forma como o Agente lida com a passagem de cerca de 100 mil pessoas na cidade nestes três dias, o que certamente tem contribuído para o bom ambiente que aqui se vive.

Retrospectiva

Em forma de retrospectiva, o Agente Inglês da Ponte tem registados alguns momentos complicados de gerir. Um deles é o da homenagem ao Campino. "Tenho de ser rigoroso. Naquele momento há muita gente que quer assistir, mas as pessoas têm de compreender que eu não os posso deixar estar no Largo do Pelourinho. Muitas vezes há confusão e não gostam que eu chame à atenção, mas naquele momento, aquele espaço é para os Campinos. Só os familiares mais próximos poderão ficar e, mesmo assim, nem sempre na posição que querem." Depois, especialmente nos últimos anos, tem-se verificado alguma dificuldade no momento do recolher dos touros na praça. "Os campinos têm de os recolher e há muitos jovens que não os deixam. Por vezes, chegam a ser agressivos. Isso não pode ser!".





Outro episódio complicado, “mas também engraçado”, foi o célebre boato acerca de um toiro, que teria saltado a tronqueira para as ruas da cidade. “O toiro tinha saltado apenas uma divisória a meio do percurso das esperas, mas já se dizia era que estava à solta na cidade. Aí gerou-se o pânico e foi complicado. Eu sabia que o toiro já estava nos curros, porque o responsável pelos toiros, o campino Zé Canário, já tinha visto que ele gostava de saltar e decidiu levá-lo para lá. Então, resolvi ir ter à cabine de som instalado nas ruas e lá informámos a população que não havia qualquer perigo. O mais engraçado é que mesmo depois dessa informação ter sido divulgada, ainda encontrei uma senhora na rua que continuava a afirmar, a pés juntos, que tinha visto o toiro a correr direito ao mercado!”.

Boas Recordações

Em jeito de balanço, prefere salientar as boas recordações com que fica dos momentos vividos e das pessoas com quem estabeleceu boas relações, muitas das quais de amizade. Faz questão de destacar alguns nomes: José Canário, Carlos Custódio, Joaquim Carlos e Fernando Gadelha (campinos). Pela Câmara refere os técnicos Rui Lopes, Ricardo Lopes, Carlos Vitória, Carla Gomes, M.^a João Carraça, os Vereadores Alberto Mesquita, Carlos Silva e Vale Antunes e a Presidente M.^a da Luz Rosinha.

Na recta final ao serviço da Festa, enquanto autoridade, a sua principal preocupação reside no facto de ainda não ter encontrado um

sucessor para as suas funções. “Era bom que este ano pudesse estar comigo alguém a acompanhar todo o trabalho e que eu pudesse preparar para me substituir”.

De nome completo José Fernando Inglês da Ponte, atingiu, a 2 de Março, 54 anos de idade. Natural de Pontével (concelho do Cartaxo), terra que ama, tem com Vila Franca de Xira uma relação de grande estima. Até porque sempre que a vida o trouxe até cá, deu-lhe momentos importantes a nível pessoal. Conheceu a actual mulher quando veio para a Marinha, em 1975, e, poucos meses depois de aqui ter voltado (1979), já como Polícia, a mulher engravidou. Na época, a Polícia era camarária e logo nesse ano, foi escalado para ficar responsável pelo Colete Encarnado.

Nesta última missão, faz votos “de que tudo corra bem no Colete Encarnado, e, no futuro, estou sempre disponível para ajudar, seja

Autarquia ou Cidadãos”.

Esta forma de estar enquanto Agente da Autoridade e Pessoa já lhe valeu, por diversas vezes, o reconhecimento público. Uma delas em 2005, quando a Junta de Freguesia de Vila Franca de Xira o galardoou com a Menção Honrosa de “Voluntariado e Cidadania”, por ocasião do Dia da Cidade.

A afeição por Vila Franca de Xira é notória, a ponto de todos os anos, de forma voluntária, oferecer um Serviço à comunidade. Já ouviu muitos nascidos e residentes na terra lhe dizerem “És mais vila-franquense que eu!”

Susana Santos





Ganadaria

Santo Estêvão



Da “Correias - Sociedade de Agricultura de Grupo, Lda.”, faz parte a Ganadaria Santo Estêvão gerida, actualmente, por Gabriel Correia. Em plena Lezíria, conhecemos a história desta ganadaria com antiguidade fixa em 1953, na Associação Portuguesa de Criadores de Toiros de Lide, e que prima pela continuidade que conseguiu imprimir à linhagem da sua génese.

As origens

Corria o ano de 1948 quando esta sociedade familiar (entretidos da mulher de Gabriel Correia) adquiriu um lote de vacas “Cláudio Moura” e um semental “José Pedrosa”, com o qual criou um novo encaste. Reunidas as características de reconhecida qualidade, dada a sua proveniência, o ferro Santo Estêvão teve, passados cinco anos, em 1953, a sua primeira apresentação pública na Praça da Nazaré. Contando Gabriel que “a criação foi aumentando e chegámos a ter aqui 120 vacas de ventre mas, com as cheias de 1979, uma das maiores de sempre, perdemos as vacas que se encontravam na parte alta, ao que chamamos Lezirão, restando apenas 15”. Após este duro golpe iniciou-se um processo de recuperação daquele sangue, com a compra das novilhas que anteriormente tinham sido vendidas, após reprovação nas tentas da Ganadaria e que estavam, portanto, “por aí espalhadas”. Destas e outras *faenas*, recorda o ganadeiro, fizeram parte nomes como José Falcão e José Júlio. “A partir daí começámos novamente mas, nessa altura, como não havia toiros introduzimos um toiro “Ribeiro Telles”, depois um “Simão Malta”,

posteriormente, dois “Oliveiras Irmãos” e, ainda, outros das linhas “Coelho Charrua” e “Cabral Ascensão”. Mas os resultados provenientes destes cruzamentos não conseguiram o que se designa de “toiro em tipo”; não representavam bem as opções dos ganadeiros para a personalização dos seus animais, uma vez que originaram mais temperamento e menos nobreza. Voltaram, então, à linha original, com vacas da mesma linhagem que tinham provado bem. “Não tivemos problema em continuar com aquilo que se conseguiu conquistar logo no início” e as características escolhidas para esta ganadaria perduram até aos dias de hoje.

Uma produção controlada

Actualmente, a Ganadaria Santo Estêvão, com exploração solar no Juncal, na Lezíria Grande, possui um efectivo de 300 cabeças entre gado bravo e manso. Gabriel Correia explica-nos que a actual conjuntura económica com que se depara o faz decidir por manter apenas entre 50 a 60 vacas, procedimento que se adoptou logo após o episódio das cheias. Não pretende aumentar o seu gado, pois “esta actividade tem custos muito grandes e não está a compensar. Normalmente os partos rondam os 80%, há anos que dá mais machos que fêmeas mas, desde que haja 80 a 85% de nascimentos já é muito bom. No ano passado tivemos 40 nascimentos, foi uma boa percentagem”, deduz das suas contas. “Para uma contenção de custos, tentamos tirá-los aos três anos, os que estejam fisicamente compostos ou que tenham uma apresentação que permita



Neste dia em que nos deslocámos à Ganadaria Santo Estêvão, para falar com Gabriel Correia, tivemos oportunidade de assistir a uma ferra. Para desenvolver esta tarefa com maior rapidez foi utilizada uma jaula específica para o efeito mas, Gabriel confessa que prefere fazê-lo “à moda antiga, como manda a tradição, largá-los e depois dominá-los até permitirem a ferragem. Neste dia, em algumas horas, 26 machos foram ferrados.

atingir o peso ideal... E tentamos também, que os toiros para toureio a cavalo tenham mais cara porque parecem logo maiores”, diz ciente. “Como não tenho necessidade de aumentar o efectivo, não tenho feito tentas. Toureio as novilhas a cavalo, onde demonstram logo aptidão ou não e se entender que elas merecem ficar para futuras mães, guardo-as e faço-lhes, depois, uma tenta. Mas, para isso, têm que sair muito boas”, continua, “porque senão, não vale a pena”.

“Suavidade” é a palavra que Gabriel lança para caracterizar as suas reses quando questionado sobre a morfologia e temperamento dos toiros Santo Estêvão, tal como “os toureiros desejam, para que a lide lhes corra bem. Quanto à pelagem predomina o preto e, de quando em vez, temos alguns de pelagem amarela. Têm boas condições para a lide apeada mas, como nas nossas corridas domina o toureio a cavalo, também aí saem bem” e acaba por ser esse, afinal, o seu destino.

Calma e boa pastagem é quanto basta

Sobre o ofício esclarece-nos, sem sombra de dúvida, que tudo depende da maneira como o gado é tratado, “costuma-se dizer que parem pela boca, se andarem gordinhas, se tiverem boa comida”, estão mais compostas, com *trapio*. Ali, nos campos das Lezírias, usufruem de uma pastagem riquíssima, essencial para o crescimento destes animais, “é do melhor que há, mais vale um mês desta pastagem que três ou quatro de farinha, os animais respondem muito mais rapidamente”, esclareceu. “Quando não há pastagem, no Inverno, fazemos o tratamento à mão, como se diz, não com farinha, ou pelo menos com pouca porque é muito cara, mas com uma boa qualidade de feno. Depois, na Primavera, recompõem-se. E quando é ano de bolota tem um impacto maravilhoso, é fundamental”. A parte do efectivo que se encontra no Infantado (da Companhia das Lezírias) goza dessa benesse.

Partimos do princípio que lidar com gado bravo exige cuidados e experiência, mas Gabriel Correia, conhecedor desta arte, acrescenta ainda nestes requisitos, a necessidade de criar empatia com os animais e capacidade de improviso. Mais, “eles têm uma memória espectacular, não é necessária violência só porque são bravos... em passando por certo sítio eles nunca mais esquecem, eles até vêm connosco!”, explicou-nos este entendido...

“E agarro as vacas bravas onde quero, sozinho!”, Arrematou. “Tem que se amar isto e, quem ama, vive intensamente esta vida, não há outra hipótese”, disse-nos, acusando-se com a sua expressão. Destas lides recorda Luís António Pais que ali trabalhou cerca de 12 anos e que era um “mestre no ofício: aprendi muito com ele, sabia de tudo, agora já há poucos, pelo menos com aquela escola”.

As divisas Santo Estêvão já percorreram o País

Dos seus toiros recorda alguns recentes, o “Menino” toureado por Ana Baptista, em Salvaterra de Magos, o “Zagalo” toureado por Rui Bento Vasquez, e que também foi lidado a pé, em Viana do Castelo”. Aliás, Ana Baptista é quem consome praticamente todas as novilhas para treino dos cavalos.

Colecciona destes anos, entre taças e estatuetas, inúmeros prémios de Concurso de Ganadarias e recorda o último recebido como “uma situação curiosa: o touro foi vendido, já não pertencia à casa, e embora já composto (com peso ideal para sair), a empresa que o comprou não o lidou no ano seguinte, ficando na posse dela durante esse tempo. Um dia telefonaram-me a dizer que o touro ia a concurso e eu fui lá ver, a S. Manços (Évora), e acabou por ganhar o Prémio de Bravura”.

Conhecida pelas suas divisas azul, vermelha, e cinza, a Ganadaria Santo Estêvão esteve já presente em quase todas as praças de toiros do País e, para já, tem previstas duas corridas: uma em Baião, no Distrito do Porto, a 27 de Julho e outra, dois dias antes, para a despedida da Praça de Toiros de Azambuja, que irá ser demolida. “Como a última novilhada saiu a contento naquela praça, quero terminar com um curro desta ganadaria”, disse satisfeito.

Adora o ofício e vai mantendo-o mas, confessa que já equaciona a venda da Ganadaria, dada a situação complicada que a mesma vive. Em alternativa, tem já em mente um projecto para a valorização da carne brava, uma fábrica de desmanche, na Zona Industrial de Coruche, cujas peças depois de embaladas a vácuo serão introduzidas no mercado. Gabriel Correia repete-nos, no entanto, que é muito ligado ao gado, que se entrega “à séria” e que é difícil desfazer-se da ganadaria. Como se ouvi-lo falar deste ofício, não bastasse para percebê-lo.

Ana Sofia Coelho



O "Cavalo" e "Manuel Custódio"

O tributo de Júlio Marques à Festa Brava



O n.º 26 da Rua Sacadura Cabral, em Vila Franca de Xira, é a entrada para uma moradia centenária, de traça típica Vila-Franquense, outrora residência de uma família de cortadores. As paredes testemunharam muitas histórias de vida, desde logo o nascimento de Júlio Marques, como era prática em 1935. Em 1960, é a vez deste homem da terra fazer nascer o amor da sua vida de aficionado: a Tertúlia "O Cavalo". Uma das mais antigas de Vila Franca de Xira, este espaço de convívio, verdadeiro sacrário à Festa Brava, começou por ser o local onde Júlio Marques e a sua irmã, expunham os cartazes dos futebolistas, encartados nas revistas da época. Pouco a pouco, a *aficcion* foi tomando conta dos seus tempos livres, pelo que a colecção de objectos provenientes deste mundo foi-se acumulando e sobrepondo às recordações da bola. Foi quando, a dada altura, decidiram que aquela pequena arrecadação da casa dos pais, situada no R/C, iria ser transformada numa tertúlia taurina. A 2 de Fevereiro, logo no início da década de sessenta, o toureiro José Júlio apadrinha este novo espaço⁽¹⁾ de convívio e de exaltação à *aficcion*. Aliás, esta grande figura do toureiro Vila-Franquense, tem um lugar de destaque na memória de Júlio Marques: "A corrida de touros que me ficou na memória, foi a dos seis Palha, com o José Júlio, foi uma corrida

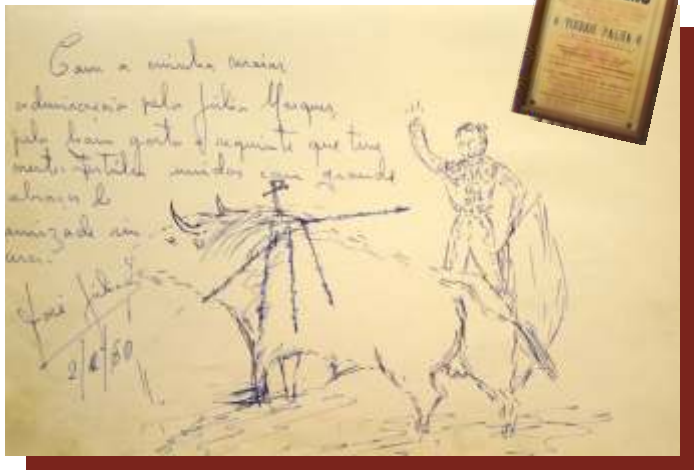


O n.º 26 da Rua Sacadura Cabral

mesmo séria, porque ele lidou sozinho, na nossa Praça, aqueles animais". O cartel, que remonta a 4 de Novembro de 1962, anuncia "caso inédito".

Mas, as paredes do 1.º andar do n.º 26 da tertúlia "Manuel Custódio", têm muitas mais memórias para além daquelas dedicadas a esta conhecida figura do toureiro a pé. O espólio que ali se encontra exposto é valiosíssimo pela sua carga simbólica, pelas histórias que cada objecto encerra em si. Da quantidade de objectos expostos, ressalta a data de 1927, referente ao 1.º cartel de touros de morte em Vila Franca de Xira, estávamos em 14 de Agosto e a *aficcion* vivia-se ao rubro.

As memórias associadas aos objectos, reunidos ao longo



(1) Actualmente está temporariamente encerrada para obras.



neste espaço dedicado ao mundo da tauromaquia, são os 34 ferros de várias ganadarias e casas agrícolas do país, algumas já extintas. “Vínhamos para aqui ao domingo, eu e a minha irmã, ela fazia o desenho dos ferros em arame, eu arranjava as rodela em cortiça e lá nos entretínhamos a fazer estas coisas”, termina com um sorriso saudoso.



Até a Amália Rodrigues, fado e tauromaquia sempre andaram de mãos dadas, está presente nesta tertúlia: um manequim, um xaile, uma cabeleira, um pequeno palco e um velho microfone, compõem um cenário pitoresco, de originalidade sem igual.



Júlio Marques é um amante convicto da Festa Brava, dedicou-lhe todos os seus tempos livres e muito investimento económico e pessoal. O Colete Encarnado é a sua festa de eleição, desde os 10 anos de idade que não perde qualquer momento do programa de animação e tauromáquico: “Gosto de todos os Coletes Encarnados, porque para mim são sempre diferentes”. Apenas se afastou um pouco mais das esperas e das corridas de touros na Palha Blanco, desde que ficou viúvo, “agora vivo muito isto aqui, passo muito dos meus dias de casa para aqui e daqui para casa”, desabafa Júlio Marques com profunda tristeza.

Ainda assim, quando não vai as corridas, pede aos amigos para trazerem recordações do espectáculo: “Quando cá veio o Rui Bento Vasques, não fui à corrida porque a minha mulher tinha falecido há pouco tempo, mas pedi a um amigo, que me trouxe as bandarilhas dele. Tento sempre ter uma recordação de todas as corridas que se fazem aqui na Palha Blanco”.

Também as revistas editadas por ocasião do Colete Encarnado e da Festa de Campo pela Câmara Municipal, são objecto de colecção por parte do proprietário da tertúlia “Manuel Custódio” que convictamente disse “faço isto à minha maneira, por amor a este mundo”.

A tertúlia “Manuel Custódio” representa um tributo importante à tradição tauromáquica, encerra um mundo de recordações e histórias da *aficcion*, que vale a pena descobrir. Visite-a durante as Festas do Colete Encarnado!

da vida de Júlio Marques e aqueles que ficaram do seu pai, povoam o ambiente, respira-se a devoção à Festa Brava, aos personagens que lhe dão vida. O nome da tertúlia é uma homenagem a Manuel Custódio, campino, maioral da Casa Palha. A sua presença continua bem viva nesta tertúlia através do seu legado: o fato, a cela e o Pampilho de Honra.

Três imponentes cabeças de touros, penduradas nas paredes, continuam a merecer o respeito dos presentes. O tamanho, o olhar negro e fixo dos animais, continuam a provocar um baque no coração. “Uma destas cabeças era da Quinta da Foz, foi toureada pelo Luis Manuel da Veiga, no Montijo, gostei muito da cabeça e mandei-a tirar. Esta aqui era de um cliente, José Dias, da linha Norberto Pedroso, ele quis oferecer-me, eu até nem queria, mas ele deu-me. Não quis dizer que não. Mandeí embalsamar. Houve um tempo que até a quis vender, porque não a acho bonita, mas aconselharam-me a não fazê-lo porque não aparece com frequência. Lá dentro tenho outra, de um touro Luis Gonçalves, toureado em 1974. Quando gostava das cabeças, mandava-as tirar”, recorda Júlio Marques.

Outra das muitas curiosidades que se podem encontrar

Prazeres Tavares

Hélder José Pires Nunes, 31 anos de idade, há já dez anos que faz aquilo de que mais gosta: é campino de profissão e vocação. Actualmente em funções na Ganadaria Palha, procura estar à altura das expectativas, e que o seu trabalho esteja "acima do zinco", ou seja, que tenha uma qualidade superior.

Hélder Nunes,

um jovem campino em discurso directo

A galope, por cima do zinco

Hélder Nunes pertence à geração de jovens campinos. Desde os 20 anos de idade que deixou a cidade para se dedicar, de corpo e alma, à vida do campo e à lide do gado bravo. Hoje com 31 anos, fala da sua profissão com orgulho, sem no entanto ignorar o que ela tem de mais exigente. Mas não hesita quando afirma, "é disto que eu gosto!".

A infância viveu-a em Povos, mas o gosto pelo campo e pelo gado levaram-no desde pequeno para o Centro Equestre da Lezíria Grande, onde começou a andar a cavalo e a lidar com os animais. Desde sempre, foi o apelo do campo que se impôs aos ritmos da cidade. Por isso, nunca teve dúvidas em agarrar a oportunidade de se tornar campino, mesmo não tendo laços familiares que facilitassem a sua entrada nesse mundo.

Toda a sua vida está ligada aos toiros, tendo sido forçado durante cinco anos. Recorda esse período como uma passagem, num tempo de maior imaturidade e menor responsabilidade. Foi bem aproveitada enquanto durou, mas "quando se tem uma casa e uma filha para criar, a gente tem que começar a pensar de outro jeito". As



obrigações familiares e profissionais ditaram o fim dessa fase, da qual mantém boas recordações.

Foi tratador de cavalos e lidou com gado manso antes de se dedicar ao gado bravo, inicialmente como aprendiz, na Ganadaria do Eng.º Rui Gonçalves. Considera que a sua integração na profissão foi fácil, fruto certamente da grande vontade e interesse que sempre lhe dedicou. Mais difícil foi a sua afirmação junto dos colegas, sobretudo perante "campinos mais velhos que vêm de famílias com o mesmo ofício e têm conhecimentos desde pequeninos, uma experiência que ganharam com o crescimento. Eu não tive essa aprendizagem. A gente para se impor ao pé deles tem que gostar muito e querer estar lá. Se não sabe, pergunta. E tem que ver como é que eles fazem, experimentar... É assim que se vai aprendendo."



Dias cheios de liberdade e de responsabilidade

Actualmente é campino na Ganadaria Palha, e valoriza sobretudo a liberdade que a profissão lhe permite viver diariamente. "Aqui não se está preso. Apetece-nos cantar, cantamos, apetece-nos chorar, choramos, apetece assobiar, assobiamos. Não estamos fechados dentro de quatro paredes, em que não se vê nada.". Os dias são preenchidos com inúmeras tarefas, que em regra se iniciam pelas oito da manhã, e não têm hora para terminar. "É quando o serviço está feito", afirma. E desse serviço fazem parte, por exemplo, a alimentação e a contagem dos animais, verificar se todos estão dentro das vedações, ajudar o veterinário em recolhas de sangue, apartar novilhos, levá-los a mudar de pastagem e consertar os arames das vedações. "Eles não fazem mal nenhum mas são danados para morderem as mãos à gente", refere Hélder Nunes entre risos. "Isso é que é mais complicado..."

E no entanto, quando questionado sobre o que gosta menos de fazer, Hélder fica sem saber o que responder. Já sobre as tarefas que mais aprecia, não demonstra dúvidas: "gosto de agarrar bezerros, pôr os brincos, vê-los crescer, esperar até que sejam corridos e que saiam bravos. Porque a criá-los mansos, já estive muito tempo com eles". Sublinha a responsabilidade de trabalhar numa ganadaria brava como a do Dr. João Folque: "Dar de comer aos toiros, qualquer um dá. Ter conhecimento das vacas e dos toiros que ligam ou não ligam, é que nem todos têm. Existe aqui um bocadinho de responsabilidade e eu estou a começar a tê-la, porque antes não tinha um cargo assim, numa ganadaria como tenho aqui. Agora, quero corresponder às expectativas." É bem patente o sentido da responsabilidade deste campino e ex-forcado, enquanto sublinha que é desta Ganadaria que provêm os toiros que serão corridos nas praças importantes de Madrid, Sevilha ou Barcelona, existindo por isso um critério de qualidade bastante rigoroso.

Que futuro para os campinos?

Com apenas dez anos de profissão, Hélder Nunes vê com apreensão que cada vez haja menos jovens, como ele, interessados em serem campinos. Considera que se trata de um "sinal dos tempos", em que os meios de



comunicação também não ajudam a captivar os jovens para esta actividade. Mas salienta que este é um processo de "altos e baixos", e que actualmente existem pequenos grupos de jovens campinos na casa dos trinta e mesmo dos vinte anos, que espera, possam ainda dar continuidade à sua profissão.

Para engrossar estes números, pensa que só mesmo através da criação de cada vez melhores condições de trabalho por parte dos responsáveis pelas ganadarias, e dando a conhecer as vantagens da profissão de campino, que passam pela vida ao ar livre, a comida mais saudável, a água mais pura. No entanto não deixa de sublinhar, "para se ser campino tem que se gostar muito. Porque isto tem tanto de bonito, como tem de duro."



A expressão "por cima do zinco" está relacionada com a cobertura das galerias da Praça Palha Blanco, que é feita de zinco. Quando a prestação na arena atinge uma qualidade superior, ultrapassa o topo de todas as expectativas. Fica "por cima do zinco".

Viver o Colete Encarnado

Quanto à Festa do Colete Encarnado, Hélder lamenta não a poder viver como ela era vivida há trinta anos atrás. Recorda que nessa altura, "os campinos iam para o Colete Encarnado e ficavam lá oito dias. Divertiam-se à noite, brincavam uns com os outros, corriam as tertúlias, as tascas, e isso hoje não se vê.". Hoje em dia, verifica que esta iniciativa é encarada como mais uma tarefa a cumprir, e uma vez cumprida, não existe a vertente do convívio tal como existia. Este jovem campino gostaria assim que surgissem mais incentivos para que "os campinos se juntassem mais, para conviverem. O Colete Encarnado não é apenas uma obrigação. Tem que ser também um divertimento."

Filomena Serrazina

Colete E ncarnado - 2008

VILA FRANCA DE XIRA

PALCO - AV. PEDRO VICTOR

4 JULHO

SEXTA-FEIRA - 23H



Concerto
com
ANJOS

Colete Encarnado - 2008

VILA FRANCA DE XIRA

PALCO - AV. PEDRO VICTOR

6 JULHO

DOMINGO - 22H



Espectáculo
com
CAMANÉ



XXVIII
Salão
Arte
sanato

4 a 12 Outubro
Parque Urbano
Vila Franca de Xira

www.cm-vfxira.pt

FEIRA
anual



Município de Vila Franca de Xira | Turismo